

Processos Lógicos: a resolução de conflitos na ACP

Carl Rogers foi um psicólogo que muito contribuiu para o desenvolvimento da Psicologia Humanista no século XX, e era essencialmente um cientista, um pesquisador.

Ele pretendia responder uma questão que era: como se dá a mudança da personalidade através da psicoterapia humanista. Pode se objetar que esta concepção mudou ao longo do tempo, e que ele acabou reconhecendo a importância de cada indivíduo desenvolver o seu jeito de ser.

Mas num ponto temos que concordar: às vezes o indivíduo entra num círculo vicioso de comportamentos autodestrutivos, que tanto sob a perspectiva de outras pessoas não o estão conduzindo à autorrealização, como sob a perspectiva dele mesmo.

Um exemplo prático deste ponto é a drogadição, uma área com a qual eu trabalho, que está se tornando um problema de saúde pública cada vez mais sério e importante, e para o qual a ACP (Abordagem Centrada na Pessoa) não deu ainda contribuições consistentes.

Carl Rogers gravou muitas horas de sessões psicoterápicas em videotape, realizou muitas transcrições de sessões, realizou atendimentos rápidos diante de plateias de estudantes da ACP, realizou experimentação desde menores infratores até pacientes psiquiátricos; de sessões individuais até grupos de 800 pessoas.

Rogers buscava compreender o padrão subjacente que ocorria em mudanças na personalidade, em tratamentos bem-sucedidos na psicoterapia humanista, e com “tratamentos bem-sucedidos” eu me refiro não à uma mudança na essência do ser, mas à uma resolução de conflito entre o indivíduo e a realidade objetiva da sociedade.

Assim, eu, Lygia, neuropsicóloga e terapeuta da ACP em Atibaia, SP e Sheila, engenheira química e psicóloga, psicoterapeuta da ACP em Curitiba, Paraná, resolvemos nos unir para estudar e desenvolver um conceito.

Nossa ideia é que uma das questões essenciais para Rogers, como condição suficiente para uma boa relação terapêutica é a compreensão empática. Esta empatia tem sido tratada como uma capacidade de se colocar na pele de outra pessoa, e de se sentir como se fosse ela, diante da situação experienciada por ela.

Sempre ficou claro que seria impossível sentir o que um outro indivíduo sente, pois o terapeuta é um outro indivíduo, que desenvolveu outra estrutura histórica, de sentimentos e pensamentos.

Aliás, este último ponto, o pensamento, tem sido negligenciado pela psicologia Humanista. No entanto, nossas experiências (minha e da Sheila) tem evidenciado que

a matemática perpassa todas as questões fundamentais da existência, começando pelas ciências exatas, como a Química, Física e Engenharia, passando pelas ciências biológicas como a Medicina, Biologia e Ecologia e ciências humanas, como o Direito, Psicologia, História e Sociologia, entre outros.

Tudo estaria interligado e entremeado por Processos Lógicos, embasados na matemática. A matemática viria desde as proporções perfeitas na escultura e arquitetura grega, passando pela música, com as considerações pitagóricas sobre números e as tonalidades obtidas na corda de uma cítara, até a neurociência atual e com os complexos cálculos dos comandos do cérebro para se executar um simples ato motor.

Assim nós sustentamos que na Psicoterapia, o processo que subjaz a mudança na personalidade, que pode levar a pessoa à resolução do conflito com a realidade social, viria de uma capacidade desenvolvida pelo psicoterapeuta, através de sua formação teórica, e treinamento racionalmente programado (embora ocorra, algumas vezes, intuitivamente em pessoas que nem mesmo fizeram a formação em psicologia).

Esta formação do terapeuta o prepararia para reconhecer os padrões, os Processos Lógicos, que a pessoa desenvolveu por si mesma, ao longo de sua vida, para perceber, interpretar e reagir ao mundo. Se o terapeuta não empatizar com estes sentimentos e Processos Lógicos que o paciente estruturou para si ao longo de sua experiência de vida, por mais que esta “lógica” possa ser questionada, como nas interpretações delirantes dos processos psicóticos, a pessoa não poderá romper com os comportamentos disfuncionais que o levam à autodestruição.

É como se o paciente precisasse desenvolver um modo de funcionamento anárquico e entrópico, e se autodestruir (podendo destruir os outros também), se ele não puder ser, em primeiro lugar, compreendido em seus Processos Lógicos, para que só depois, ele mesmo possa fazer uma “virada” e encontrar por si mesmo, a solução do conflito.

Parte II – A influência do dualismo na psicologia

A psicologia foi influenciada por uma visão dualista na filosofia, a posição de René Descartes, e se viu obrigada a se dividir em linhas, umas que defendiam a Razão e outras a Emoção, umas o Pensamento e outras o Corpo.

No livro O Erro de Descartes, Antonio Damásio dá uma grande contribuição ao tema, ele que é um renomado neurocientista português, que atua na Universidade de Iowa nos EUA, que se especializou no estudo do lobo frontal, e das Funções Executivas (planejamento, organização, execução, monitoramento, iniciativa, tomada de decisão, motivação, controle de impulsos e autogerenciamento).

Damáσιο relata em seu livro o famoso caso de Phineas Gage, que em 1848 sofreu um acidente muito estranho, trabalhando como funcionário de uma ferrovia. Uma barra de ferro de 1 metro e 3 centímetros de diâmetro, com a qual Gage estava socando pólvora num buraco numa pedra, para explodi-la, provocou uma faísca e fez com que a barra fosse projetada em altíssima velocidade, penetrando na face esquerda de Gage e saindo pelo topo da cabeça.

Embora a barra tenha transfixado o lobo frontal do seu cérebro, Gage teve apenas uma leve convulsão nas extremidades, e foi colocado num carro de bois, onde viajou sentado até uma estalagem, descendo sozinho do carro de bois.

As manchetes dos jornais estamparam a maneira milagrosa como ele sobreviveu ao acidente, além de apresentar as funções cognitivas aparentemente normais logo depois do acidente: estava consciente, falava normalmente e recordava-se de tudo.

Mas com o passar do tempo, as pessoas começaram a perceber que o comportamento de Gage começou a mudar. Sua personalidade antes era a de um homem trabalhador, responsável e que valorizava sua família, mas aos poucos ele começou a ter problemas no trabalho, tornando-se irresponsável, instável, briguento, impulsivo. Começou a andar com maus elementos, a beber, e tornou-se outra pessoa.

Neurologistas concluíram que esta mudança comportamental estranha se devia à lesão no lobo frontal, e que ele seria preponderante na regulação da personalidade e das funções executivas e atenção. Antônio Damásio estabeleceu um dado importante, a partir deste achado neuropsicológico.

Funções como o raciocínio (pensamento) que faz parte das funções executivas são dependentes de marcadores fisiológicos (emoções que são provocadas por sensações corporais) que ocorrem no sistema límbico, que forma um circuito, uma ligação com o lobo frontal, e que estas duas coisas juntas, emoção e raciocínio, serão a base para a tomada de decisão.

Nos psicopatas (criminosos frios) e nas pessoas que sofreram lesão no lobo frontal, haveria um defeito, uma ruptura no circuito entre o sistema límbico e o lobo frontal, e a pessoa perderia o contato com os marcadores fisiológicos (sensações físicas que são precursores de emoções positivas ou negativas) não ativando sua memória prospectiva, ou seja, com dificuldade em prever as consequências dos seus comportamentos e, portanto, agindo guiados apenas pelo raciocínio.

Portanto Damásio descobriu que as pessoas são uma unidade integrada (emoção + raciocínio) e que para tomar uma boa decisão, a pessoa precisa consultar suas emoções (tendo acesso aos marcadores fisiológicos) e depois raciocinar sobre isto, ou seja, consultar seus Processos lógicos, fazendo uma espécie de cálculo da situação.

A neurociência contribuiu, portanto, para esclarecer um dos dilemas mais antigos da filosofia, que perpassou a psicologia por muito tempo, ou seja, se devemos privilegiar as emoções ou o pensamento. A neurociência demonstrou, portanto, que emoção e pensamento, corpo e alma, estão indissociados e profundamente amalgamados.

Carl Rogers sempre esteve sintonizado com os avanços psicoterápicos em todas as áreas, tanto que se empolgou com o Biofeedback, em seus últimos anos de vida. Se ele continuasse entre nós, provavelmente estaria interessado nos avanços científicos que pudessem ampliar nossa compreensão sobre os fenômenos psicológicos e a forma de trata-los.

Eu, Lygia, trabalhei com o neurofeedback e tive a oportunidade de experimentar as possibilidades terapêuticas desta técnica.

Mas considero a Abordagem Centrada na Pessoa a coroação de 32 anos de trabalho dedicado à psicologia, onde será possível fazer uma síntese das experiências profissionais e pessoais acumuladas em todos estes anos, e extrair um novo elemento, como uma pessoa que pega a farinha, açúcar, manteiga, leite e ovos e mistura todos estes diferentes ingredientes e obtém algo inteiramente novo e diferente (o bolo).

Não vejo necessidade de descartar e negar a experiência anteriormente adquirida, para poder assumir os valores humanistas, mas creio que a Psicologia humanista teria muito a ganhar, com a experiência de uma neuropsicóloga e uma engenheira química.

Se Rogers defendia que cada profissional deve desenvolver o seu jeito de ser, ao invés de se contentar em ser um rogeriano (uma pálida sombra do que Rogers foi), então ele esperava que cada profissional que ingressasse na ACP pudesse dar uma contribuição original para ela, oriunda de uma síntese de várias áreas do conhecimento.

No atual momento histórico que estamos vivendo (o mundo pós revolução na saúde, economia e política, causados pela Covid 19), certamente todos os setores da sociedade estão empenhados em contribuir para que a humanidade esteja em condições de dar uma resposta resiliente a este estado de coisas.

Assim, eu e Sheila, neuropsicóloga e engenheira química que abraçamos a Abordagem Centrada na Pessoa, temos uma contribuição original para dar neste momento, que é o estudo dos Processos lógicos, na condição suficiente da compreensão empática.

Acreditamos que este avanço na compreensão do complexo razão-emoção, possa nos levar à uma nova concepção de dado de realidade, ou seja, verdade objetiva vinda do mundo exterior, que está em ligação e influencia o mundo interior.

Um exemplo disto seria o problema da drogadição, que não pode ser englobada totalmente pela tendência autoatualizante, pois é um problema de saúde pública, que possui um dado de realidade que é conduzir à autodestruição. A ACP não pode fazer

vistas grossas a este problema, e precisa dar uma resposta mais consistente à esta questão.

Parte III - Caso Ilustrativo

H.M., um paciente de cerca de 33 anos, foi internado numa clínica de reabilitação em drogadição, com a queixa de estar se tornando agressivo e com comportamentos estranhos ultimamente, mas a família não tinha certeza se isto era realmente motivado pelo uso de drogas.

O paciente só usava a maconha, e seu uso não era muito intenso. Fazia uma faculdade já há muitos anos, pegando muitas dependências e passando do tempo normal para concluir o curso.

Ele teve um episódio agressivo ultimamente, onde, numa ocasião, quebrou um prato na cabeça do irmão. Em plena pandemia do Covid 19, ele entrou em uma área do condomínio dele que estava interditada, simplesmente removendo a faixa amarela, sem se importar com a regra de não adentrar naquela área proibida.

Sua namorada terminou o relacionamento com ele e foi solicitado que ela contribuísse com a clínica, escrevendo uma carta onde ela relatasse os motivos que fizeram com que terminasse o relacionamento. Ela explicou que terminou porque ele vinha apresentando desinteresse em vê-la, e ultimamente usava os encontros com ela como pretexto para conseguir dinheiro com a família, para comprar maconha. Ela também disse na carta que ele não tinha emprego e não demonstrava empenho em conseguir uma colocação e possibilidade de crescimento profissional e financeiro.

O paciente começou o processo de avaliação neuropsicológica comigo, mas logo na segunda sessão, ele se recusou a terminar o teste projetivo de personalidade, me dando a impressão que as pranchas com desenhos do TAT o mobilizaram intensamente e eu não insisti para que ele continuasse.

Nas semanas seguintes, prosseguimos normalmente, com outros testes, agora de natureza cognitiva (inteligência, atenção, funções executivas, memória e linguagem).

Quando ele estava terminando sua avaliação neuropsicológica, ele me perguntou se poderia conversar comigo sobre um problema pessoal. Eu disse que eu não era a psicoterapeuta dele, mas que se ele sentisse vontade de trazer esta questão para mim, eu poderia ouvi-lo.

Então ele descreveu uma situação de atendimento médico que ocorreu há bastante tempo, e que havia lhe acarretado um problema de natureza sexual.

Ele falou que depois daquele evento, sua vida mudou, ele mudou completamente, perdeu sua namorada e se tornou uma pessoa desconfiada e agressiva. Ele

acrescentou que até a atual namorada estava terminando o namoro, pelo mesmo motivo.

Em função de seu problema sexual, ele ficou desanimado com a vida, acabou fazendo uso de drogas, e na verdade, todos os problemas que vem enfrentando atualmente, tiveram origem naquele evento.

Sabendo que o paciente se recusava a tomar medicação, mesmo se apresentando desconfiado em diversas situações na clínica e tendo histórico de agressividade, eu fiz uma proposta ao paciente: propus que ele conversasse com o médico psiquiatra, que também é o diretor clínico, para que ele o encaminhasse para um médico urologista, para verificar se o problema era de fato orgânico. Caso o problema não fosse orgânico, o médico psiquiatra poderia ajuda-lo com o problema se fosse de origem emocional.

O paciente aceitou conversar com o médico psiquiatra, mas pediu para que eu estivesse junto, para auxiliá-lo.

No dia marcado para a reunião, o paciente se sentou comigo e com o médico psiquiatra.

Ele teve dificuldade de apresentar sua questão e ficou muito desconfiado e até um pouco confrontativo verbalmente com o médico, quando este explicou que o procedimento médico não poderia ter causado o problema sexual que ele estava descrevendo.

O paciente sentiu raiva e disse que tinha certeza de que aquele procedimento havia causado o seu problema sexual e inclusive ele disse que havia visto um outro homem que estava deitado ao lado dele, e que muito provavelmente, este homem estava ali para receber um transplante de um órgão retirado dele mesmo.

Naquele momento ficou claro para mim e para o médico psiquiatra, que possivelmente o paciente havia feito uma interpretação delirante da situação que ocorreu com ele.

Ele se mostrou apegado à esta crença, e justificou-a através do Processo lógico de que “toda mulher está interessada somente no desempenho sexual do homem. Se houver qualquer dificuldade nesta área, o relacionamento entre eles vai terminar. Portanto se a vida sexual de um homem fracassa, todas as outras áreas da vida deste homem vão fracassar também, e esta é a única causa de todos os problemas dele’.

Este é o Processo Lógico do meu paciente em questão, e podemos inferir que se ele estruturou esta lógica do tipo Monista (uma causa apenas estaria sendo responsável por todos os problemas) pela impossibilidade em lidar com a complexidade das variáveis intervenientes na situação do ambiente dele, pois os eventos na realidade, não tem uma causa única, mas são complexos, aleatórios e caóticos, na medida em

que cada nova variável que ocorre no ambiente causa uma perturbação nele, que pode ter no final, um resultado imprevisível.

Podemos inferir que meu paciente simplificou sua percepção da realidade, que exigiria que seu cérebro (mais especificamente o lobo parietal) fizesse a integração do processamento auditivo e visual central, e pudesse fazer o reconhecimento do padrão do Processo lógico que estava ocorrendo com ele naquele momento, e fazer um rápido e preciso cálculo do que estava se passando, supondo que toda situação social tem um intrincado e complexo algoritmo formado por diversos fatores intervenientes, que podem atribuir um significado para a situação, e em função da correta interpretação deste significado, eu poderei apresentar o melhor comportamento como resposta.

Algumas pesquisas apontam para erros na migração de neurônios para as camadas do córtex cerebral, na fase de neurogênese no feto, apesar que o amadurecimento do cérebro só vai se completar na adolescência.

Podemos inferir também que certos aspectos da realidade são inaceitáveis para ele, como por exemplo aquele dado da realidade objetiva, de que a razão da namorada ter terminado o namoro com ele foi pelo fato de ele não ter emprego e conseguir dinheiro com os pais, dizendo que ia encontrar-se com a namorada, mas indo na verdade comprar drogas.

Pensar que a razão dos seus problemas é uma disfunção sexual seria um infortúnio contra o qual ele não poderia fazer nada, ele não teria culpa de ter este problema, teria que se resignar e aceitar. Enquanto admitir que possam haver outras causas para os seus problemas, significaria que ele também tem responsabilidade nos seus problemas, poderia se esforçar e resolver os problemas, teria que duvidar, questionar e ficar ambivalente, perder a identidade por algum tempo, e sofrer e lutar bastante para construir uma nova identidade e atitudes para resolver o problema.

Não defendo que um determinado Processo Lógico seja melhor que outros, mas o Processo Lógico que cada pessoa estrutura para si precisa ser funcional. Não pode ser muito discrepante da realidade objetiva, e mesmo que possa ser um pouco rebuscado ou confuso, ele precisa ser capaz de ajudar a pessoa a compreender o algoritmo de variáveis que é apresentado pela realidade, sendo capaz de resolver o conflito com a realidade, e ser capaz ao menos de comer, dormir, se relacionar e encontrar um sentido para a sua existência e seu lugar no mundo.

Parte IV - Teoria do Caos

Um amigo me deu um presente, um livro muito interessante chamado: Diálogos Humanistas, cujos organizadores são a Márcia Tassinari e o André Neris.

Este livro contém textos clássicos de pessoas que trabalharam com Carl Rogers, que foram resenhados e comentados por duas gerações de autores brasileiros, praticantes da Abordagem Centrada na Pessoa.

Estou falando aqui deste livro, não simplesmente para divulgá-lo, mas porque acho que ele deveria ser lido para além da fronteira dos psicólogos, por profissionais de outras áreas. O momento histórico que vivemos exige muita criatividade.

Neste livro se apresenta o texto de uma autora que trabalhava com a Criatividade, Ruth Sandford, que me chamou especial atenção e se chama: De Rogers à Gleick e de volta ao início, onde Sandford faz menção à Teoria do Caos. Márcia Tassinari fez a resenha deste texto e resumiu as principais contribuições do texto no seguinte:

- 1- A teoria do Caos como ciência do processo;
- 2- Universalidade, onde Rogers falava que em toda comunicação pessoal existem leis psicológicas ordenadas, como a mesma ordem encontrada no Universo;
- 3- Tendência atualizante: onde as pessoas estariam em constante evolução e podem se beneficiar de atitudes facilitadoras para evoluir: compreensão empática, aceitação positiva incondicional e congruência;
- 4- Sistemas abertos: Márcia cita Ilya Prigogine (prêmio Nobel de Química), que fala de sistemas em interação com o ambiente. A pessoa seria um sistema aberto em interação com o ambiente, e pode influenciá-lo e ser influenciada por ele. A pessoa pode introduzir uma perturbação no ambiente, que levaria à uma mudança. A tendência atualizante poderia ser equiparada com o conceito de Prigogine, onde a pessoa evoluiria e chegaria à um nível mais alto de complexidade;
- 5- Heráclito é citado no texto, com a sua máxima: uma pessoa não pode entrar duas vezes no mesmo rio, porque as águas não seriam mais as mesmas e nem a pessoa seria mais a mesma, o que significa que tudo está em permanente mudança, que a mudança leva à evolução e não à retroação;
- 6- Constante de Feigenbaum: Mitchel Feigenbaum encontrou um padrão matemático, naquilo que antes era considerado um erro, que acontece em eventos aleatórios, ruídos, mas este cálculo seria o mesmo, em todas as curvas que tem um valor máximo único.

A importância da descoberta da Constante de Feigenbaum se dá no estudo dos ruídos que mostram que mesmo quando algo parece estar errado, quando tudo está confuso no ambiente, destes ruídos surgirá uma nova ordem no caos. Assim como os fractais, que são bonitas formas complexas, irregulares e não-lineares, que podem ser observadas em imagens no computador, que são um exemplo da ocorrência de ruídos que provam que o Universo não é simples e ordenado como supunha Isaac Newton, mas nele ocorrem eventos aleatórios que podem provocar mudanças inesperadas.

Mas porquê eu fui tocada pela Teoria do Caos, e a menciono num estudo sobre Processos Lógicos? Porque acredito que o fenómeno psicológico e o fenómeno social sofrem perturbação de eventos aleatórios do ambiente e influencia, por sua vez o ambiente, numa relação matemática, que seria de ordem, mais complexa, não-linear, aparentemente incompreensível e confusa, mas que, de fato seguiria uma ordem universal superior.

Uma vez eu me lembro que um paciente obsessivo, escreveu uma carta para o meu chefe no meu trabalho. Cada frase da carta estava escrita em 3 línguas: português, inglês e alemão. A carta tinha 10 folhas, onde ele descrevia somente como foi que ele encontrou um amigo numa praça. Na carta além de uma descrição detalhada do encontro, havia projeções geométricas e vários cálculos. Na época nós não entendemos nada do que aquela carta poderia significar, mas acredito que hoje eu esteja mais próxima de entender.

A tendência atualizante de Carl Rogers encerra este processo de saída de um estado indiferenciado para atingir níveis superiores de complexidade, onde se formaria uma pessoa.

Uma pessoa pode percorrer caminhos obscuros e aparentemente incompreensíveis, na busca do autoconhecimento, para enfim diferenciar-se e compreender qual é o significado da sua vida e qual é a contribuição original que tem para dar ao mundo, para que o mundo por sua vez, siga evoluindo.

Neste sentido, não poderíamos segregar as pessoas por raças, por nacionalidades, por religião, por ter um transtorno mental, pois John Nash Forbes Jr., matemático e esquizofrênico, ganhou o prêmio Nobel da Economia, com sua Teoria dos Jogos, mostrando a lógica que havia subjacente à intrincados processos da Economia.

Quando ocorre uma variável interveniente no mundo, como a atual pandemia pela Covid 19, ela vai repercutir em cada indivíduo de uma forma, fazendo com que cada um interprete esta situação de uma maneira diferente, detonando o movimento “Black lives matter”, que conduz a uma nova ordem mundial.

Podemos dizer que há processos Lógicos mais simples como o Monismo, e há outros mais complexos, como a Dialética de Hegel, onde um indivíduo teria uma tese: a superioridade de uma raça diante das outras, outros indivíduos possuiriam uma antítese: vidas negras importam, e o mundo inteiro faria uma síntese disto: é preciso mudar o estilo de organização policial e militar, modificando o conceito de racismo e relações de poder, psicopatias e condutas predatórias entre autoridades e população.

Estou consciente de que nada do que estou falando é novo: há muito tempo se fala de Monismo, Dialética e Teoria do Caos. Mas a minha contribuição original está em

relacionar tudo isto, vendo uma ordem subjacente perpassando tudo isto, e que todos os eventos, sejam eles da ordem das exatas, biológicas ou humanas, todos os eventos estão ligados por um fio, a linguagem universal da matemática.

O que quero dizer é que as coisas não estão separadas, mas como me disse uma vez um esquizofrênico que atendi, que tinha grande conhecimento de filosofia, e que me presenteou com as Obras completas de Shakespeare para Teatro, ele me disse: Tudo está ligado, tudo é uma coisa só.

Que curioso, isto quer dizer que Heráclito e Parmênides, os dois que são opostos, um dizendo que tudo muda, e o outro dizendo que nada muda, os dois estariam certos! Ao mesmo tempo que as coisas mudam o tempo todo, tudo estaria ligado e seria um e, portanto, unitário e imutável.

Como mostrou o belo filme Avatar, também aqui na Terra, tudo está ligado e a Terra é um único organismo vivo, do qual cada componente: a humanidade, os outros animais, o clima, mares, florestas e cidades, absolutamente TUDO está interligado e que realmente como disse o meteorologista Lorenz, o bater das asas de uma borboleta de um lado da Terra, pode causar um furacão do outro lado.

Vivemos uma época de despertar de uma nova consciência como diria Eckhard Tolle, onde cada pessoa perceberá que só chegando no seu grau de evolução máxima individualmente, só evoluindo de maneira aleatória e original, de acordo com sua história de vida, cada pessoa terá uma contribuição original e necessária para dar ao mundo, e que na verdade, esta contribuição pertence à uma ordem matemática universal perfeita.

Parte V – Perfis Lógicos

Minha ideia no conceito de perfis lógicos, é trabalhar com a filosofia, que se debruçou no estudo de formas de pensamento que surgiram ao longo da história do Homem, desde que ele abandonou as crenças místicas dos primeiros tempos, como a mitologia grega, egípcia e de outros povos, e passou a buscar explicação para a existência em causas naturais.

Ou seja, num determinado período da sua história, por volta do século V A.C., o Homem deixa de aceitar passivamente as crenças culturais passadas pela tradição de cada povo, com explicações misteriosas e sobrenaturais, portanto além do alcance da compreensão humana, e passa a desejar dominar o conhecimento sobre a sua origem, desenvolvimento e significado para a vida e a morte. O Homem come da árvore do conhecimento e resolve, voluntariamente, assumir o comando da sua existência e responsabilidade por ela.

Na verdade, a questão de assumir a responsabilidade por sua existência continua sendo um problema para o Homem, pois em pleno século XXI, vemos que o acesso ao conhecimento é muito desigual no mundo: algumas pessoas vivem abaixo da linha da miséria e não tem a saúde e a educação garantidas. Outras pessoas tem dificuldades de aprendizagem como a dislexia e o TDAH, e mesmo tendo oportunidades de acesso ao conhecimento, tem dificuldade para aprender. Temos pessoas que, apesar de ter acesso ao conhecimento e capacidade de adquiri-lo, ainda assim não tem interesse, e se eximem da responsabilidade pela sua própria vida tanto quanto possível. E ao mesmo tempo convivemos com pessoas com nível altíssimo de elaboração, que se saboreiam lendo textos de Jacques Derrida sobre o Desconstrucionismo.

Temos muitas outras situações, descrevi apenas algumas. Mas defendo que o diagnóstico em saúde mental é importante, não para que uma pessoa se exima da sua responsabilidade por suas decisões na vida, mas porque existe a realidade objetiva. Tanto quanto a morte existe, tanto quanto uma batida de automóvel existe, tanto quanto a queda de um governo é um fato da realidade objetiva, tanto quanto uma pneumonia existe e tem tratamento, a esquizofrenia existe, tem medicações que são eficazes e tem tratamento que não cura, mas melhora muito a qualidade de vida.

O DSM5 é útil para que todos os profissionais que tiverem que lidar com a questão da saúde mental tenham a mesma linguagem. Martin Seligman, precursor da Psicologia Positiva escreveu um manual sobre as Virtudes e saúde mental, o que é interessante, entre outros livros.

O que proponho é que a Psicologia recorra à Filosofia na sua descrição do desenvolvimento do pensamento humano através da história e se beneficie de um tratamento matemático na análise da estrutura subjacente aos Perfis lógicos.

Não sou uma profunda conhecedora da Filosofia, mas fruto de minhas leituras sobre este assunto, vislumbrei uma ligação entre a Psicologia, a Filosofia e a Matemática, onde observei o seguinte:

É possível descrever Perfis Lógicos, nos pacientes que atendo:

- 1) Monistas: simplificam a realidade, encontrando uma causa única para tudo;
- 2) Mobilistas: a realidade é ambígua e instável, tudo muda, nada permanece;
- 3) Pitagoristas: a matemática subjaz todos os processos da realidade;
- 4) Pluralistas: a realidade tem várias causas (Empédocles: água, terra, fogo e ar);
- 5) Atomistas: o átomo compõe e move tudo (Demócrito, avanço para a ciência);
- 6) Sofistas: “O homem é a medida de todas as coisas” Protágoras, verdade relativa
- 7) Socráticos: Maiêutica, busca da verdade, perguntas, descobrir que nada sabe
- 8) Platônicos: A superioridade das ideias sobre o mundo material

- 9) Aristotélicos: só é possível se aproximar da verdade através da experiência
- 10) Exterioridade: a verdade está lá fora, ela vem de Deus, Ciência, os Outros
- 11) Interioridade: a verdade vem de dentro de cada pessoa (humanismo)
- 12) Racionalistas: O homem é dotado de raciocínio para lidar com a realidade
- 13) Irracionalistas: Freud descobre o inconsciente, nossos atos têm causa irracional
- 14) Estruturalistas: Há uma estrutura coerente que subjaz toda a realidade
- 15) Desconstrucionistas: aquilo que falamos, escrevemos possui intenções ocultas

Não pretendi esgotar nestes perfis, todos os tipos de pensamento que existem, mas observo neles as mudanças lógicas mais significativas da história do pensamento científico humano, mas além de eles abrangerem os tipos básicos de pensamento eles mostram a constante oscilação na história que houve entre 3 posicionamentos básicos humanos: A) Posso acreditar que a realidade não possui significado implícito nenhum, não significa nada; B) Posso achar que a realidade é criada dentro de mim (subjetivismo); C) Posso acreditar que a realidade está lá fora (objetivismo).

Particularmente, considero que uma das posições mais interessantes assumidas na história do pensamento foi primeiramente por Platão e depois Hegel, com a Dialética, e penso que Marsha Linehan teve uma boa intuição, quando desenvolveu a terapia cognitivo Dialética, para o tratamento sobre tudo do transtorno de personalidade Borderline.

Mas vou um pouco mais longe no meu movimento dialético (tese, antítese e síntese), penso que não só é possível unir a psicanálise e o comportamentalismo, mas também é possível unir a eles o humanismo, pois Rogers, foi muito preciso em descobrir as condições suficientes para a tendência autoatualizante. Compreensão empática (pôr-se na pele do paciente), aceitação incondicional (aceitar a pessoa como ela se apresenta) e congruência (ser autêntico com a pessoa e não usar de uma falsa conduta técnica), são uma espécie de sincronização com a posição zero do paciente e a criação de uma oportunidade de cura a partir do sensível acompanhamento preciso dos movimentos “aparentemente” aleatórios e caóticos que ele faz, mas que possuem uma lógica subjacente que conduz à uma rota “certa”, como se algum evento ambiental o tivesse tirado, do caminho de um desenvolvimento adequado. Ouso falar em certo e errado, no sentido de que o certo, seria a pessoa se desenvolver em todo o seu potencial, para dar a sua contribuição original ao mundo. O errado seria passar toda a vida sem saber qual é o seu potencial, não extrair um sentido da vida e ao invés de contribuir com o mundo, se autodestruir, no isolamento, incompreensão e falta de comunicação com o resto do mundo.